



Palavras do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião da abertura da reunião do Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia – 1ª parte

Palácio do Planalto, 03 de outubro de 2007

Eu não poderia deixar de dar os parabéns ao Ministério da Ciência e Tecnologia por ter nos apresentado esse Plano de Ação até 2010, porque antes o Ministério vivia apresentando um plano de sobrevivência a cada mês, pedindo para descontingenciar o dinheiro do Ministério. Na medida em que se coloca no PPA e se faz um projeto, definido como Plano de Ação até 2010, significa que nós temos agora uma meta concreta a ser atingida. Antes de devolver a palavra ao ministro e a vocês, eu queria dizer o seguinte: essas coisas que estão propostas aqui, para que elas aconteçam é preciso que haja disposição de vocês de fazer a coisa acontecer. Normalmente, nós aprovamos as coisas, definimos isso como política de Estado, o que é extremamente importante, porque significa que todo o conjunto do governo, do presidente da República, passando pelo ministro da Fazenda, passando pela Casa Civil, passando pelo Ministério da área, até os companheiros que são membros do Conselho e, mais do que isso, as pessoas interessadas em ciência e tecnologia, no Brasil, precisam acompanhar de perto o acompanhamento e a execução de um programa como este.

A verdade é que se a gente não acompanhar de perto, um mês de atraso na execução de uma das peças que estão colocadas no plano, às vezes, demora meses para a gente recuperar. Era preciso que houvesse um acompanhamento em tempo real, tanto do Ministério quanto dos membros do Conselho, e que fosse publicado isso aqui no site do Ministério, para que os cientistas, os interessados e os empresários possam acompanhar, para que a gente possa ter uma fiscalização, como nós fizemos para o PAC de infra-



estrutura. Nós temos que ter um conselho gestor dentro do Ministério. Tem que ter um conselho gestor que pode ser, Dilma, composto até de gente que participa do Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia, um conselho gestor que a gente possa acompanhar.

Às vezes acontece um problema no Tribunal de Contas, e se você não tiver, em tempo real, uma conversa com o ministro do Tribunal de Contas que criou o problema, aquele problema pode levar 6, 7, 8, 9, 10 meses para ser resolvido. E tudo isso, é um ano que se perde e é um programa que não se executa. Então, esse conselho gestor para acompanhar, de um lado, a liberação do dinheiro do Paulo Bernardo e do Guido Mantega e, de outro lado, a execução fiel do Ministério da Ciência e Tecnologia. Se a gente não tiver isso, a gente aprovou mais um plano que, na próxima reunião, vai vir aqui o Sérgio Resende dizer: “Olha, companheiros” – não tem nenhuma companheira aqui a não ser a Dilma, tem uma lá, menos machista este Conselho – se não, daqui a pouco o Sérgio vai se reunir aqui e vai dizer: “O Ministério da Fazenda contingenciou não sei o que, olha, companheiro; o Tribunal de Contas vetou outra coisa, olha, companheiro” – inclusive, se tiver coisa aqui para ser aprovada no Congresso Nacional, é preciso convidar o Sérgio Rezende, fazer uma exposição no Conselho Político, para que isso seja aprovado em tempo... como foi o PAC, na verdade, quase todas as medidas, o Fundeb, foram aprovadas num tempo razoável. Então, Sérgio, agora, depois do Conselho tomar essas informações, a minha idéia, eu tinha proposto ao Sérgio ontem que, como vocês já tinham recebido isso com uma certa antecedência, espero que tenham recebido isso com uma certa antecedência, é que a gente não demore muito para aprovar, fazendo as mudanças que entendermos que precisam ser feitas. Daqui a 15 dias – eu estou indo para a África no dia 12 e estaremos voltando no dia 18 ou 19, mas que na semana do dia 20 a gente possa convocar uma reunião com muitos empresários, com muitos cientistas, para a gente anunciar definitivamente o Programa não perder muito tempo.



Eu acho que, em 15 dias, com a boa coordenação do Conselho, a gente pode ter o programa definido e começar a executá-lo. Nós só temos 3 anos e 3 meses agora pela frente, meu caro, passa rápido que você nem vai ver.

Então era isso, Sérgio, eu queria agora abrir a palavra para os ministros falarem, para os nossos membros do Conselho falarem, mas eu quero dar os parabéns pelo seu aniversário e dar os parabéns pelo trabalho executado até agora.



Palavras finais do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião da reunião do Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia – 2ª parte

Palácio do Planalto, 03 de outubro de 2007

Sérgio, antes de terminar a reunião, quero dizer para os conselheiros uma coisa: a idéia da construção do PAC de infra-estrutura deu ao governo, nesses últimos oito meses, uma competência de construção gerencial que, certamente, a gente não teria aprimorado se nós não tivéssemos feito a experiência do PAC. Depois do PAC da infra-estrutura, nós começamos a cobrar dos vários ministros que, junto com os seus pares, construíssem os programas para o Estado brasileiro até 2010.

Eu confesso a vocês que algumas apresentações foram, para mim, uma obra-prima de perfeição, de teorização e de esquematização de coisas para o Estado brasileiro. Eu poderia pegar o exemplo de um ministério menor, o MDA, que construiu a idéia do Territórios da Cidadania, que é uma obra prima – se nós conseguirmos executar – e possibilitou o que está acontecendo no lançamento do Plano de Ação 2007/2010.

Havia uma coisinha aqui no Brasil ou, quem sabe, na cabeça das pessoas – quem sabe o Brasil nem tivesse tido culpa, porque nem soubesse que estava sendo feito – de cada ministro fazer o seu programa em função do pensamento da sua equipe. No fundo, no fundo, era uma coisa do ego intelectual: “Eu vou produzir o conhecimento que acumulei ao longo da minha vida, sem me importar com o que os outros vão estar pensando”. Então, isso aqui não é o programa de Ciência e Tecnologia para o Brasil, não é o programa da Educação para o Brasil, é o programa do Fernando Haddad, é o programa do Sérgio Rezende, é o programa de política internacional do Celso Amorim, é o programa agrícola do Reinhold Stephanes. Era assim que funcionava na



história do País.

O que nós estamos aprendendo? Que nós precisamos construir coisas, primeiro, que envolvam o governo, porque se não envolver o governo você não compromete os pares. E se você não compromete os pares, se o ministro do Planejamento não participa de uma reunião de elaboração de um plano e não está de acordo com ele ou, pelo menos, não o submete a uma votação, ou o ministro da Fazenda, a ministra da Casa Civil, ou um outro ministro que tenha ligação direta com um projeto desses, podem ficar certos de que o plano não anda, porque terá alguém sentado em cima. Se depender de um parecer de um companheiro que trabalha no Ministério ligado, contra, a coisa pára e fica um ano, dois anos, três anos, quatro, 10, 20, 30. Então, o PAC permitiu que a gente construísse, a partir dele, um conjunto de políticas para o Estado brasileiro.

Agora, prestem atenção numa coisa. Eu sou amante do futebol. Se eu fosse técnico de futebol, a minha palavra de ordem seria a seguinte: qual é a nossa meta, qual é o nosso objetivo superior? É marcar gol. Então, tem aquela trave lá, só marca gol quem chuta. Quem não chuta... Vocês viram o Brasil no Campeonato Mundial das mulheres, em que a gente tinha uma performance extraordinária até chegar o dia em que precisava ter uma performance boa e não tivemos, porque não chutamos a gol e não marcamos. O Corinthians está a três ou quatro jogos sem marcar um gol, porque não chuta. Não adianta dizer que o adversário é bom. Se chutar, tem chance de bater na mão do adversário, tem chance de bater na trave, tem chance de o goleiro jogar para escanteio. Mas se não chutar, não marca.

Por que eu estou dizendo isso? Porque esse programa é um time de futebol em campo. Se nós, no dia da apresentação desse programa, não tivermos construído um objetivo e um plano de metas para o cumprimento de cada uma das coisas que estão aqui, nós vamos ficar subordinados aos seus especialistas ou a algum especialista aqui que se interesse por um programa.



É preciso, Sérgio, que no dia do lançamento público a gente apresente à sociedade brasileira e à comunidade científica um plano de metas. O que nós queremos que aconteça até 2008? O que nós queremos que aconteça até 2009? Em cada área. E tem que ter esse conselho gestor para, a cada mês, cobrar. No caso do PAC, além de eles se reunirem todos os dias, a cada quatro meses eles têm que prestar contas à imprensa, porque fazem um comunicado à imprensa e prestam contas ao presidente da República.

Neste caso, Sérgio, se a gente não apresentar isso aqui combinado com um plano de metas, que cada membro do Conselho ou cada ministro aqui presente coloque na sua mesa e saiba, por exemplo, que no nosso Plano de Ciência e Tecnologia, até o dia 20 de agosto de 2008, tinham que acontecer tais coisas, se a gente não tiver isso, corre o risco de ter um baita de um programa, como o Corinthians tem uma baita de uma razão de existir, uma grande torcida, mas o time não marca o gol. Então, o que eu estou te propondo é o seguinte: você já escalou o time, a torcida está toda aqui, agora é preciso ter a meta a ser atingida. É preciso apresentar para o Conselho o seguinte: o que vai acontecer a cada semestre, até o dia 31 de dezembro de 2010? A partir daí, não é mais você, vai ser outro. Não sei, depende de quem ganhar, também, as eleições. Mas, de qualquer forma, a apresentação do plano de metas é condição *sine qua non* para que a gente possa cobrar, de nós mesmos, a execução de um programa como esse.

Portanto, eu quero agradecer a todos vocês pelos elogios ao programa, agradecer pelas sugestões ao programa, e dizer para vocês que agora não é apenas responsabilidade do Sérgio, não é apenas responsabilidade do presidente da República, mas é nossa responsabilidade fazer esse Plano acontecer.

Muito obrigado e parabéns.